

O ADOECIMENTO EMOCIONAL NA UNIVERSIDADE: VIVÊNCIAS E DESAFIOS DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA

Ana Vitória Melo Melo

Graduanda em Pedagogia, Universidade Federal do Pará – UFPA
Castanhal, Pará, Brasil
melov8522@gmail.com

Introdução

O adoecimento emocional no ensino superior tem se intensificado nas últimas décadas, especialmente entre estudantes de cursos de licenciatura, revelando-se como expressão das desigualdades sociais que atravessam a formação universitária. Esse fenômeno não pode ser compreendido como questão individual ou restrita ao campo da saúde mental, mas como resultado de condições históricas, sociais e institucionais que impactam diretamente a vida acadêmica e a subjetividade discente. No contexto da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Castanhal, as vivências estudantis explicitam os limites estruturais das políticas de acesso e permanência no ensino superior, sobretudo para estudantes pertencentes às classes populares. A imposição da dupla jornada entre trabalho e estudo, as restrições econômicas, a insuficiência das políticas de assistência estudantil e a intensificação das exigências acadêmicas operam como mecanismos de produção de sofrimento emocional, afetando o desempenho acadêmico e colocando em risco a permanência e a conclusão dos cursos. Tal cenário revela a contradição entre a ampliação do acesso à universidade pública e a precarização das condições concretas de permanência, conforme problematiza Antunes (2009), ao apontar que a precarização do trabalho e da vida incide diretamente sobre os sujeitos e atravessa os processos formativos nos espaços educacionais. Nesse sentido, Patto (1999) destaca que a interpretação das dificuldades educacionais como falhas individuais contribui para a naturalização do sofrimento e para a desresponsabilização das estruturas sociais e institucionais que produzem desigualdades. Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o adoecimento emocional a partir das vivências de estudantes de licenciatura da Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, compreendendo-o como fenômeno socialmente produzido, atravessado pelas condições materiais de vida, pelas políticas de permanência estudantil e pelas exigências institucionais do ensino superior que incidem diretamente sobre o processo de formação docente.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como estudo de abordagem qualitativa, com incorporação de elementos quantitativos, de natureza exploratória e descritiva, centrado nas vivências e percepções de estudantes acerca do adoecimento emocional no contexto universitário. O estudo foi realizado na Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Castanhal, envolvendo 46 estudantes regularmente matriculados no curso de Pedagogia, turno noturno. A pesquisa respeitou os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, garantindo anonimato e voluntariedade. A escolha do campus justifica-se por sua relevância no processo de interiorização do ensino superior público na região nordeste do Pará, atendendo majoritariamente estudantes pertencentes às classes populares, cujas trajetórias acadêmicas são atravessadas por múltiplas vulnerabilidades sociais.

A coleta de dados ocorreu por meio de questionário estruturado, composto por questões objetivas de múltipla escolha, elaborado com o objetivo de compreender a relação entre a realidade social dos estudantes e sua saúde emocional na universidade. As questões abordaram a autoavaliação da saúde emocional, a influência das condições sociais no bem-estar, os principais fatores que impactam a vivência acadêmica, os sentimentos mais recorrentes e os efeitos dessas condições no desempenho acadêmico. O instrumento também investigou o acesso às políticas de apoio estudantil, a percepção sobre o reconhecimento da realidade social pela universidade e a possibilidade de desistência do curso. A análise das respostas permitiu compreender o adoecimento emocional como expressão das desigualdades sociais e das exigências institucionais que atravessam a formação docente no ensino superior público.

Resultados e Discussão

Os resultados da pesquisa evidenciam que a saúde emocional dos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Castanhal, encontra-se diretamente relacionada às condições sociais que atravessam suas trajetórias acadêmicas. A autoavaliação da saúde emocional durante a graduação indica a predominância de percepções intermediárias e negativas, revelando um cenário marcado por um sentimento de desgaste, instabilidade emocional e dificuldades de enfrentamento das exigências universitárias. Esse cenário se confirma quando 91,3% das/os participantes afirmam que o emocional já prejudicou seu rendimento acadêmico em algum nível, sendo que 28,3% relatam prejuízo leve, 32,6% indicam impacto moderado e 30,4% apontam prejuízo intenso, enquanto apenas 8,7% declaram não ter sofrido interferência emocional no desempenho.

Constata-se que a realidade social das/os estudantes de Pedagogia exerce influência significativa sobre o emocional no contexto acadêmico. Elementos como a necessidade de conciliar trabalho e estudo, a limitação da renda, as dificuldades de transporte, a insuficiência dos auxílios estudantis e a sobrecarga acadêmica configuram-se como fatores centrais na produção do sofrimento emocional. Esses dados reforçam a compreensão do adoecimento emocional como um fenômeno socialmente produzido, vinculado às condições materiais de vida e às desigualdades estruturais que marcam o acesso e a permanência no ensino superior público. No que se refere aos sentimentos vivenciados com maior frequência, destacam-se ansiedade, estresse, desânimo e cansaço, revelando um processo contínuo de desgaste emocional que interfere diretamente no desempenho acadêmico e na relação das/os estudantes com o curso. Parte significativa dos participantes reconhece que sua realidade social prejudica, em diferentes níveis, o rendimento nos estudos, evidenciando a indissociabilidade entre saúde emocional, condições sociais e processos formativos no campo da Pedagogia.

Outro aspecto relevante diz respeito à percepção sobre o reconhecimento da realidade social das/os estudantes pela universidade. As respostas indicam que esse reconhecimento ocorre de forma parcial ou insuficiente: 43,5% avaliam que a universidade considera pouco sua realidade social, 32,6% afirmam que não considera e apenas 23,9% percebem reconhecimento moderado. Tal percepção evidencia limites institucionais no enfrentamento das desigualdades sociais que afetam a permanência estudantil. Embora existam políticas de apoio, estas são percebidas como insuficientes diante das demandas materiais e emocionais vivenciadas, sobretudo quando se observa que 50% das/os estudantes declaram não ter acesso a políticas de apoio estudantil, contribuindo para a intensificação do sofrimento emocional.

Ademais, os resultados indicam que as dificuldades sociais e emocionais vivenciadas ao longo da graduação impactam diretamente a permanência das/os estudantes de Pedagogia, levando parte delas/es a considerar a possibilidade de desistência do curso. Os dados revelam que 21,7% afirmam já ter pensado às vezes em desistir e 28,3% relatam fazê-lo frequentemente. Esse dado evidencia que a evasão não se configura como evento isolado, mas como possibilidade concreta estruturada pelas condições sociais que atravessam a formação, demonstrando que aproximadamente metade das/os participantes vivencia, de forma recorrente, a possibilidade concreta de evasão. O adoecimento emocional, nesse sentido, configura-se como um elemento relevante nos processos de evasão, ao se articular às condições materiais de vida, às exigências institucionais e à insuficiência de políticas de permanência.

As proposições apresentadas pelas/os participantes, tais como a ampliação dos auxílios estudantis, o fortalecimento do apoio psicológico, a redução da sobrecarga acadêmica e a ampliação do diálogo institucional, evidenciam a demanda por políticas integradas que reconheçam a centralidade da dimensão social e emocional no processo de formação docente. Esses achados dialogam com a literatura crítica que problematiza a precarização das condições de vida e de formação no ensino superior, ao evidenciar que o sofrimento vivenciado nos espaços educacionais não pode ser compreendido sob uma lógica individualizante. Conforme aponta Antunes (2009), a precarização do trabalho e da vida produz impactos diretos sobre os sujeitos, expressando-se também nos processos formativos e nas contradições institucionais que atravessam o ensino superior público.

Conclusões

O adoecimento emocional manifesta-se de forma recorrente e significativa entre estudantes do curso de Pedagogia da UFPA, Campus Castanhal, evidenciando-se como fenômeno diretamente relacionado às condições sociais que atravessam a trajetória acadêmica. Tal cenário reafirma a crítica à naturalização do sofrimento educacional e à precarização das condições de vida que incidem sobre os processos formativos. Os dados revelam que a ampla maioria das/os estudantes reconhecem prejuízo no rendimento acadêmico decorrente do sofrimento emocional, sendo que mais de 60% apontam impacto moderado ou intenso, o que demonstra a centralidade da saúde emocional no processo formativo.

As dificuldades socioeconômicas, a necessidade de conciliar trabalho e estudo, a limitação de renda e a insuficiência de políticas de permanência configuram-se como fatores estruturantes desse processo, incidindo não apenas sobre o desempenho acadêmico, mas sobre a própria possibilidade de continuidade na graduação. A recorrência da intenção de desistência, manifestada por aproximadamente metade das/os participantes, evidencia que o adoecimento emocional se articula concretamente aos processos de evasão no ensino superior público.

A percepção majoritária de que a universidade considera pouco ou não considera a realidade social das/os estudantes, associada ao dado de que metade não possui acesso a políticas de apoio estudantil, demonstra limites institucionais no enfrentamento das desigualdades que atravessam a formação docente.

O adoecimento emocional configura-se, portanto, como fenômeno socialmente produzido, resultante da articulação entre precarização das condições de vida, exigências

institucionais e fragilidade das políticas de permanência. A democratização do ensino superior exige não apenas ampliação do acesso, mas garantia efetiva de condições materiais e emocionais que assegurem permanência qualificada. A promoção da saúde emocional constitui dimensão estruturante da formação docente e demanda políticas institucionais integradas que reconheçam a centralidade das desigualdades sociais no cotidiano universitário.

Palavras-chave

Saúde mental; Permanência estudantil; Formação docente; Desigualdades estruturais.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

PATTO, Maria Helena Souza. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

